
Transgressão conservadora: imbricações entre as cenas brasileiras de rock e heavy metal e a extrema direita

Gabriel Dorneles Stavele TAVARES¹
Micael HERSCHMANN²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Neste trabalho problematizamos as disputas de sentido em torno do conceito de *ethos* roqueiro (Frith 1996; Grossberg 1997; Janotti Junior, Pilz e Alberto 2019) a partir da observação de um recrudescimento do conservadorismo nas cenas brasileiras de rock e heavy metal que as insere no contexto das guerras culturais. Como percurso metodológico, construímos uma cartografia das controvérsias (Latour, 2012) que segue os rastros de atores envolvidos com a politização dessas cenas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Cultura; Rock; Política.

Introdução

Trilha sonora de levantes e manifestações de inconformismo juvenil durante o seu período de apogeu, o rock desenvolveu ao longo de quase sete décadas de história uma reputação que relacionava seus adeptos a ideias de vanguarda e oposição ao conservadorismo vigente nas sociedades onde se notabilizou. Tais características foram consideradas por autores como Frith (1996), Grossberg (1997), Janotti Junior, Pilz e Alberto (2019) para definir o chamado *ethos* roqueiro, conceito utilizado para se referir a “uma construção histórica em torno de uma autenticidade transgressiva no gênero musical e potencial fonte de resistência a poderes institucionalizados” (Pilz, Alberto, 2020, p.3).

Deste modo, o imaginário acionado pelo ritmo em seus primeiros trinta anos de existência (décadas de 1950 a 1980), bem como por suas subdivisões, remeteria quase que inevitavelmente o ouvinte a eventos como os festivais de Woodstock e Monterrey, marcados pela apologia ao amor livre, expansão da consciência a partir do consumo de drogas lisérgicas, negação da ordem social implementada pelas gerações anteriores e protestos contra a guerra do Vietnã, o surgimento de ícones da cultura jovem, como David Bowie, Beatles e Rolling Stones, que de diferentes formas desafiaram os papéis de gênero e colocaram em discussão temas tabu, como sexualidade e preconceito racial, e,

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ e pesquisador associado do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação da UFRJ. E-mail: gabrielstavele@gmail.com

² Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Escola de Comunicação da UFRJ, onde coordena também o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação da UFRJ. E-mail: micael.herschmann@eco.ufrj.br

posteriormente, o escárnio aos símbolos religiosos, o peso e a agressividade trazidas à tona pelo heavy metal e punk rock.

Esse conjunto de referências constituintes do imaginário que ao longo de tantos anos se criou em torno do rock concorreu para a cristalização de uma imagem antissistêmica que nunca deixou de acompanhar o ritmo, a despeito do esvaziamento de grande parte do seu sentido. Assim, observamos na contemporaneidade uma apropriação dessa imagem e discurso por parte de atores que buscam redefini-lo como um modelo atualizado da ideia de transgressão.

Nesse sentido, relacionamos o imaginário roqueiro ao que Hobsbawm e Ranger (1990) classificam como “tradição inventada”, uma repetição de práticas e valores que estabelecem relação de continuidade com um passado do qual se busca a apropriação. No mesmo diapasão, Williams (1978) apresenta o conceito de “tradição seletiva” para se referir a processos de ratificação histórica e cultural contemporâneas que se baseiam em versões seletivas de um passado idealizado.

Diante de um cenário marcado por embates ideológicos que se espraiam para o campo da cultura, argumentamos que o chamado *ethos* roqueiro, bem como as vinculações do ritmo à contracultura e demais posicionamentos encarados como antissistêmicos, vêm sendo instrumentalizados por segmentos da extrema-direita no contexto das guerras culturais contemporâneas. Deste modo, procuramos neste artigo primeiramente situar as cenas brasileiras de rock e heavy neste cenário de disputas e, posteriormente, nos termos da Teoria Ator-Rede (Latour, 2012), reagregar o social a partir dos rastros de páginas e coletivos hospedados no Facebook, Instagram e Youtube, como “Mundo Metal”, “Opressores do Rock”, “Roqueiros e Headbangers de direita”, “Headbangers do Brasil – Que odeiam o Socialismo” e “Pinochet Zuero”, responsáveis pela conformação de uma blogosfera roqueira de viés conservador.

As cenas brasileiras nas guerras culturais

O conceito de guerras culturais foi cunhado pelo sociólogo da religião James Davison Hunter (1991) para se referir à uma mudança de paradigma no debate político dos Estados Unidos no final da década de 1980. Na ocasião, o autor chamava a atenção para o crescente protagonismo das pautas morais, a exemplo do casamento gay, legalização de drogas e aborto e direitos de minorias, em detrimento de discussões acerca de temas do bem comum, como saúde, educação, economia e geração de empregos. “[...]”

conflitos culturais que não eram exatamente novos, em torno dos costumes, estavam saindo da periferia e migrando para o centro do debate político, ocupando-o de forma jamais vista”. (Ortellado, Silva, 2022, p.12).

Para Melo e Vaz (2021), o pleito eleitoral de 2018, marcado pela distribuição maciça de notícias falsas nas redes sociais, debates sobre temas como kit gay, doutrinação política nas escolas e ameaça comunista, culminando com a eleição do candidato de extrema-direita, Jair Bolsonaro, representou a entrada do Brasil nas guerras culturais. Os autores destacam ainda o alastramento dos assuntos com potencial para gerar tensionamentos entre posicionamentos ideológicos antagônicos, indo muito além da política institucional. “Continuamente somos surpreendidos pela inclusão de novos objetos que, à primeira vista e até bem pouco tempo, não pareciam ser capazes de gerar guerras culturais” (Melo, Vaz, 2021, p.10).

Deste modo, posicionamentos políticos manifestados por grandes nomes do rock nacional, bem como controvérsias entre artistas, fãs e imprensa especializada na última década, inserem as cenas brasileiras de rock e heavy metal neste novo cenário, tornando-as palco de disputas entre grupos que reivindicam a simbologia transgressora característica destes segmentos tanto por um viés progressistas, quanto por um ponto de vista conservador.

Para além dos posicionamentos públicos em defesa da ditadura militar e do declarado apoio a políticos de extrema-direita trazidos à baila por artistas como Lobão, Roger Moreira, Digão, Roosevelt Bala, Ricardo Confessori, entre outros, as imbricações das cenas brasileiras de rock e heavy metal com o conservadorismo podem ser auferidas por eventos que ficaram marcados pela intolerância a discursos progressistas, como o boicote à cantora transexual Föxx Salema, as hostilidades ao ex-líder do Pink Floyd, Roger Waters, as ameaças aos membros da banda de punk rock estadunidense Dead Kennedys, bem como as tentativas de interdição do festival alternativo de punk rock Facada Fest, ocorridos nos últimos anos.

Além disso, Evangelista e Pereira de Sá (2021) apontam a prevalência do rock como trilha sonora de peças publicitárias convocatórias para a manifestação de extrema-direita em apoio ao então presidente Jair Bolsonaro, no dia 15 de março de 2020, estando presente em 29 dentre 30 produções analisadas. Para as autoras, a opção por esses ritmos cumpre o objetivo de “se apropriar de determinados sentidos e afetos vinculados a diferentes gêneros, contribuindo para fortalecer um sentimento de nacionalismo

específico, característico dos movimentos políticos recentes no país.” (2021, p.176). Neste caso, o *ethos* roqueiro representaria a oposição à um status quo composto por esquerdistas, progressistas e lacradores.

As apropriações do rock para a defesa de ideais conservadores e, simultaneamente, para o combate ao “status quo”, supostamente representado pelos poderes legislativo e judiciário, ilustram as disputas simbólicas em torno do gênero e sua relação com a política. Associado a ideias de rebeldia juvenil, o rock também tem sido objeto de discussões sobre música e conservadorismo, afirmação de “valores heteronormativos, brancos e de privilégios, especialmente sob a perspectiva das canções do chamado rock clássico” (JANOTTI JR.; PILZ; ALBERTO; 2019; p.2). A relação entre rock e conservadorismo não é nova e vem sendo ensejada por autores como Grossberg (1992, 1997) há pelo menos três décadas. Entretanto, parece significativo notar que, apesar de trabalhos que ressaltam o potencial do gênero para a articulação política em campos mais progressistas, como ressaltam Farias e Cardoso Filho (2019), o rock seja sistematicamente apropriado pela direita radical brasileira. [...] Ainda que o *ethos* do rock como espaço de resistência seja posto em xeque em determinados eventos, como shows marcados pelo confronto entre anti e pró-bolsonaristas (JANOTTI JR.; PILZ; ALBERTO; 2019), tais apropriações no contexto analisado parecem acioná-lo para explicitar as próprias ambiguidades da proposta: apoiar o poder Executivo em seus movimentos de insubmissão contra os demais poderes, em tom semelhante ao utilizado por Bolsonaro em sua campanha eleitoral. Em conjunto com as imagens, o gênero emerge nas narrativas analisadas remetendo a emoções bastante presentes em grandes espetáculos de rock: multidões que vivem um momento de êxtase comunitário, impulsionadas por performances amplamente enérgicas e sexualizadas de seus ídolos (PATTIE, 2007). Os solos de guitarra associados à figura de Jair Bolsonaro e seus defensores também acionam valores associados ao que Frith e McRobbie (1990, p.374) denominam de cock rock, no qual a performance é “uma explícita, crua e frequentemente agressiva expressão da sexualidade masculina. (2021, p.181-182)

Para Stefanoni (2022), o libertarianismo dos contraculturais que se notabilizaram nos Estados Unidos durante as décadas de 1960 e 1970 encaminha-se na contemporaneidade para um posicionamento cada vez mais à direita. Defensor de uma difusa ideia de liberdade baseada no fortalecimento de instituições como família, Igreja e empresas, e de uma autoridade “derivada de estruturas sociais voluntárias”, o “paleolibertarismo”, termo retomado do economista heterodoxo Murray Rothbard, se apresenta “como “rebelde” diante do status quo, o que o progressismo muitas vezes já não é capaz” (2022; p.186), ao mesmo tempo em que afirma posições anti-igualitárias e busca alinhar seu discurso ao conservadorismo de figuras como Milei, Trump e Jair Bolsonaro.

Libertarianismo, dizem os paliolibertários, não rima com libertinagem – e não é sinônimo de hippies antissistema como aqueles que povoaram o Partido Libertário, do qual o próprio Rothbard participou. Portanto, umas das tarefas do libertarianismo é se livrar de seu “estilo Woodstock” ou seita antiautoridade e

contrária aos “padrões da civilização ocidental”. Defender a legalização das drogas ou da prostituição, como fez o Partido Libertário, colocaria o libertarianismo no reino da contracultura, alienaria-o dos estadunidenses “normais” e o privaria de qualquer chance de vitória. (Stefanoni, 2022, p.204)

Blogosgera headbanger e o conservadorismo antissistêmico

Animados por esse mesmo ideal de liberdade, fortemente presente nos discursos da extrema-direita, páginas e coletivos criados nos últimos anos por entusiastas de rock e heavy metal nas redes sociais buscam relacionar os ritmos ao que há de mais conservador tanto nos costumes quanto na política institucional. Para isso, de modo paradoxal, esses grupos atuam no sentido de desestimular o debate político, silenciar vozes dissonantes, invisibilizar atores socialmente engajados e ridicularizar bandeiras relacionadas ao progressismo, sobretudo quando associadas à simbologia do metal. Por outro lado, a exaltação a ícones do conservadorismo, como Costa e Silva ou Pinochet, o deboche a pautas como feminismo e direitos LGBTQI+ e a estigmatização de adversários políticos são encarados como atos transgressores condizentes com a iconoclastia que historicamente caracterizou tais cenas.

Nesse sentido, destacamos a página Mundo Metal. Idealizada por Fábio Reis, um fã de rock e heavy metal do estado de São Paulo, a página foi criada no ano de 2014 com o objetivo inicial de reunir outros apreciadores dos mesmos ritmos. Com o crescimento do grupo, a Mundo Metal também expandiu seu campo de atuação, transformando-se em um site destinado à cobertura jornalística das cenas, um perfil seguido por 36 mil pessoas no Facebook, seu principal campo de atuação, um grupo fechado com 23 mil seguidores na mesma rede social, 1126 seguidores no Instagram e outros 1670 no Youtube, além de manter grupos nos aplicativos WhatsApp e Telegram. Esses números fazem da Mundo Metal a maior e mais capilarizada dentre as páginas observadas.



Figura 1 Ao mesmo tempo em que se define politicamente como anti-antifascista, a página Mundo Metal proíbe discussões políticas entre os seus membros. Fonte: Facebook



Figura 2 Alçado à condição de ícone da despolitização na cena, o falecido líder da banda Motörhead, Lemmy Kilmister, surge com frequência nas postagens da Mundo Metal. Fonte: Facebook.

Autodenominada como uma página anti-antifa, a Mundo Metal assume a linha de frente no combate a comportamentos considerados politicamente corretos, em geral relacionados à atuação política de músicos, fãs ou personalidades das cenas, os quais definem como lacração. Por essa razão, já esteve envolvida em imbróglis com importantes nomes do segmento.

No ano de 2018, o líder da banda de punk rock Ratos de Porão, João Gordo, foi oficialmente banido da linha editorial da página em função de desentendimentos com eleitores bolsonaristas na ocasião do lançamento da coletânea “*Satan Smashes Fascism*”. Notório militante antifascista, o músico era constantemente retratado pela página de forma pejorativa, quer seja por meio de artigos que rechaçavam sua atuação política, quer seja através de memes que ridicularizavam sua persona pública e posições ideológicas. O comportamento de João Gordo com relação à parcela conservadora do seu público, no entanto, foi considerado imperdoável pela página, merecendo um editorial, escrito por Fábio Reis, que apelava à despolitização em nome da harmonia entre os fãs de rock pesado.

Ontem, 25 de setembro de 2018, o vocalista do Ratos de Porão, João Gordo, fez uma publicação em sua conta do Instagram onde divulgava uma coletânea "anti-fascista" composta por bandas de Metal do underground nacional. A postagem contém uma imagem do candidato Jair Bolsonaro sendo atacado por Satan e na descrição, Gordo disse o seguinte: "Coletânea com 16 bandas de metal anti-fascista ... nem tudo está perdido no heavy metal brazuca... headbanger paga pau de crente o Lemmy vai te comer". Não vou aqui entrar no mérito sobre esse tipo de discurso pobre, até por que fica muito claro que nem o Gordo e muito menos os fanáticos imbecilizados pelo viés ideológico que o apoiaram, não tem a mínima noção do significado da palavra "fascista". O termo vem sendo utilizado a revelar ultimamente e todos aqueles que não concordam com a galera da esquerda tem recebido esse adjetivo. O que me deixa muito chateado nesse episódio são dois fatores: 1) A polarização política dividindo o Metal (de novo!). 2) A falta de respeito com os fãs (injustificável e intolerável). [...] Nós do Mundo Metal, achamos que o maior patrimônio de um músico são seus fãs, todo e qualquer artista que não souber respeitar os fãs é um estúpido idiota que joga contra o seu próprio patrimônio. Que o Gordo não tem muito QI ou poder de discernimento, nós já imaginávamos, porém, em uma só postagem ele conseguiu disseminar ainda mais esse discurso político segregador e, ainda por cima, insultar de todas as formas possíveis e imagináveis pessoas que o seguiam e consumiam sua arte. [...] Eu, particularmente, tinha simpatia pelo Gordo, gosto de alguns álbuns do Ratos e me lembro com nostalgia das palhaçadas que ele protagonizou em programas da MTV nos anos 90, mas, infelizmente, deixei de seguir seu perfil, não noticiei mais nada sobre seus trabalhos futuros, não compro mais nada que tenha o seu nome envolvido e, dificilmente, conseguirei ouvir os discos de sua banda novamente. Quem trata os fãs feito lixo, não merece esses fãs. Att. Fabio Reis.³

A ideia de política como elemento desagregador surge com frequência tanto nos textos da Mundo Metal quanto de outras páginas com teor semelhante. Assim, a politização da cena por um viés progressista é encarada como reflexo da cultura *woke* e

³ <https://www.facebook.com/mundo.metal.page/posts/nota-de-rep%C3%BAdio-ontem-25-de-setembro-de-2018-o-vocalista-do-ratos-de-por%C3%A3o-jo%C3%A3o-916128938571230/>

da predominância de um discurso politicamente correto que não se coaduna com o caráter antissistêmico do rock e do metal, descaracterizando essas cenas e tornando-as mais dóceis. Nesse sentido, não é incomum que atores identificados com esse campo político, a exemplo de João Gordo, tenham falas desacreditadas ou sejam publicamente rechaçados por relacionar atuação artística e posicionamentos ideológicos.

O tratamento hostil dedicado ao líder do Ratos de Porão se repetiria no ano seguinte em relação ao baterista Gil, na ocasião do seu desligamento da banda de death metal Genocídio. Alegando que ao não se posicionarem politicamente, seus antigos companheiros estariam "resistentes às adequações da nova realidade do cenário metálico brasileiro", e, portanto, relegados à um papel de coadjuvância, o músico marcava sua posição nos embates ideológicos da cena, recebendo da Mundo Metal a pecha de lacrador. Novamente por meio de um editorial, a página explicitou seu descontentamento com o comportamento do artista ao afirmar que: “para todo "resistente/militante" que se preze, se tornou uma lei fundamental do Metal se posicionar do lado lacrador. Caso você não o faça, é um isentão, facho, lambe botas e demais "adjetivos" já manjados”. Publicado no perfil da Mundo Metal no Facebook, o texto ressalta ainda que a página segue “defendendo a liberdade de expressão de qualquer artista, mas cada vez mais nos enjoamos das militâncias político-partidárias que vem sendo embutidas no underground.”⁴

Além dos textos e ameaças de invisibilização, a contrariedade em relação a manifestações políticas do campo progressista se materializava através do humor. Tomando parte nos protestos contra as falas de Roger Waters durante os shows da turnê “*US + THEM*”, a página levou ao ar a campanha “#CalaTuaBocaRogerWaters”, que apontava uma suposta hipocrisia do músico ao declarar-se apoiador da esquerda e cobrar altos valores pelos ingressos dos seus shows, e exortava-o a não emitir opiniões. O cancelamento da turnê da banda Dead Kennedys em função de ameaças da extrema-direita também se tornaria motivo de deboche, dando origem a um meme que relacionava o episódio à “opressão do mercado”⁵.

Por outro lado, as controvérsias com a banda brasileira de Thrash Metal, Violator, tiveram como ponto de partida uma reação da Mundo Metal à uma peça

⁴ https://www.facebook.com/profile/100067187619864/search/?q=gil%20genocidio&locale=pt_BR

⁵ https://www.facebook.com/photo/?fbid=1037295986454524&set=a.226086487575482&locale=pt_BR

humorística publicada pelos músicos. O meme em questão retratava o cantor dinamarquês *King Diamond* segurando as cabeças de Michel Temer e Eduardo Cunha, sob a inscrição: "Um ano da farsa hoje. Foi golpe, bichos.". Ressaltando seu apreço pela liberdade de expressão, a página questionava se não seria mais importante que banda lançasse novas músicas em vez de militar politicamente. "Violator, gostamos de política e também gostamos de polêmicas, mas gostamos muito mais de Metal. Por favor, menos memes e disco novo urgente, ok?"⁶. Convidando a sua audiência a debater as atitudes da banda, a Mundo Metal insistia na necessidade de se manter a isenção em nome da pacificação da cena: "A nossa cena já é bastante segregada e não precisa de mais uma guerra ideológica do tipo "esquerda x direita" pra separar ainda mais os fãs."⁷



Figura 3 Identificados como lacradores e defensores do politicamente correto, Roger Waters e Violator tornam-se alvos de memes humorísticos da Mundo Metal. Fonte: Facebook

Para Nagle (2017), a atuação de grupos de direita que se articulam nas redes apresenta diferenças profundas em relação ao conservadorismo tradicional dos anos 1970 e 1990. No caso do rock e do metal, que no passado já foram alvos de grupos

⁶ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=643979615786165&set=a.224280884422709>

⁷ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=739947156189410&set=a.224280884422709>

ultraconservadores que se opunham às suas representações cênicas desafiadoras à moral vigente, ao desregramento dos artistas no campo dos costumes e ao conteúdo lírico de suas canções, como o *Parents Music Resource Center* (PMRC), essas diferenças se notabilizam pela forma com que suas características transgressoras passam a ser incorporadas por um neoconservadorismo composto por gamers, trolls, amantes de anime, nerds, antifeministas e todo um coletivo unido pelo prazer de zombar da seriedade e da auto bajulação moral do progressismo, “um novo tipo de sensibilidade antiestablishment expressando-se no tipo de cultura DIY (Do it yourself) de memes e conteúdos gerados pelo usuário [...]” (2017, p.7, tradução nossa). Se antes, portanto, havia um temor de que o rock pudesse desvirtuar a juventude e promover a secularização da sociedade, a preocupação na contemporaneidade passa a ser com a infiltração de ideias progressistas nessas cenas e suas implicações para a manutenção de um imaginário antissistêmico. De acordo com a autora:

Aqueles que afirmam que a nova sensibilidade da direita online hoje é apenas mais da mesma velha direita, indigna de atenção ou diferenciação, estão errados [...] sua capacidade de assumir a estética da contracultura, transgressão e inconformismo nos diz muitas coisas sobre a natureza de seu apelo e sobre o establishment liberal contra o qual se define. Tem mais em comum com o slogan da esquerda de 1968 “É proibido proibir!” do que com qualquer coisa que a maioria reconheça como parte de qualquer direita tradicionalista. (Nagle, 2017, p. 29; tradução nossa)

Para além da Mundo Metal, essa nova sensibilidade se manifesta em diversos outros coletivos que aprofundam a sua atuação e compõem uma blogosfera roqueira de direita que age de forma implacável contra adversários políticos, independentemente de suas relações com a cena. Assim, páginas como Roqueiros e Headbangers de Direita, Headbangers do Brasil – Que odeiam Socialismo, Opressores do Rock e Pinochet Zuero, entre outras de semelhante teor, se retroalimentam, compartilham postagens, interagem, divulgam umas as outras e elegem seus alvos de forma coordenada. Como explica Gonçalves (2012), a formação desses vínculos é uma das características da atuação em rede, além de um importante fator para a consolidação das ideias do grupo.

O que é interessante notar em relação às tecnologias digitais é que os coletivos de artistas e ativistas vão utilizá-la não apenas para aumentar a visibilidade de suas ações, mas, sobretudo para incrementar seu capital relacional, através do estabelecimento de redes de contatos e relações de troca que vão reforçar práticas e discursos entre si. Trata-se da produção de toda uma cadeia de solidarização, cujos vínculos fracos vão constituir uma multiplicação de vias e circuitos como estratégia de ação. (Gonçalves, 2012, p.183)

O mote dessa blogosfera, portanto, reside na ridicularização de atores progressistas, figuras públicas do campo da esquerda, e todos que possam ser enquadrados em sua vasta definição de “lacradores”. Como meio de ação, utilizam-se em larga escala do chamado *shit posting*, modalidade de comunicação virtual definida como: “parte da memecultura da internet, bem como de um gênero discursivo estrutural da comunicação semiótica a partir do qual o “nonsense” passa a fazer parte do símbolo e da mensagem a ser comunicada” (Urbina Blanco, 2021, p.1, tradução nossa). Francamente agressivas, as mensagens difundidas pelas páginas de *headbangers* de direita não apresentam, portanto, nenhum tipo de sutileza ou rigor estético, tendo apenas o objetivo de desafiar o “politicamente correto” e provocar humor através do choque.



Figura 5 Páginas “Headbangers Opressor” e “Opressores do Rock” ironizam assassinatos de Marielle Franco e Che Guevara. Fonte: Facebook.



Figura 6 Interação entre as páginas “Pinochet Zuero”, “Headbangers do Brasil - Que odeiam socialismo”, e os responsáveis pela Mundo Metal, Fabio Reis e Cristiano Ruiz. Fonte: Facebook.



Figura 7 Página "Roqueiros e Headbangers de Direita" exalta Costa e Silva, enquanto a "Verdades Cruéis" ironiza os "lacrobangers". Fonte: Facebook

A partir das reflexões de Wendy Brown, Lage e Saraiva (2021) apontam a prevalência do ressentimento nietzschiano, uma emoção que “emerge como resposta afetiva do “fraco” à opressão, à dominação pelo “forte”” e que “consequentemente

constrói um adversário moral, vendo em si mesmo a imagem da bondade e no outro a da maldade” (p.131), nesta forma de fazer política advinda da perda de hegemonia de uma masculinidade branca que cada vez mais se vê apartada dos espaços de poder. Diante da dessublimação dos valores judaico-cristãos que historicamente regeram as sociedades ocidentais, não haveria mais “auto-culpabilização na busca da autoridade perdida, nem repressão na autoafirmação violenta da justiça moral” (p.137), resultando em uma associação entre as ideias de liberdade e repressão. Segundo os autores:

Para Brown (2019), o ataque violento e debochado a esquerdistas, feministas, antirracistas e outros agentes políticos progressistas são modos niilistas de ação, de recusa à ameaça crescente de destruição de hegemonias, supremacias, soberanias. Esse ressentimento dessublimado do homem branco que se vê humilhado se torna uma política de vingança aos culpados pelo destronamento. Não é por acaso que esses grupos ressentidos são tão apegados à condição de vítimas legítimas, enquanto seus “algozes” seriam, na verdade, vitimistas politicamente corretos. [...] Essa forma ressentida de política dá lugar, segundo Brown (2019), a agressões alimentadas pela ideia distorcida e narcísica de liberdade individual, pelo rancor da masculinidade branca acuada e pela regressão da solidariedade social, gerando raiva pelos inimigos e indiferença pelos diferentes. Diante da inversão de valores antes considerados relativamente bem estabelecidos, tais como justiça, igualdade, liberdade e democracia, e da reivindicação segura de uma autoridade moral ancorada na polarização e na mobilização de ressentimentos vingativos, contradições morais são ignoradas. (Lage, Saraiva, 2021, p.138)

Considerações finais

Reconhecendo o ambiente virtual como espaço privilegiado para o rastreamento das controvérsias entre setores ideologicamente antagônicos das cenas brasileiras de rock e heavy metal, esta pesquisa buscou cartografar, nos termos da Teoria Ator-Rede (Latour, 2012), os embates, associações, reassociações e desassociações, tentativas de silenciamento e invisibilização, manifestações de apoio, cancelamentos e estigmatizações promovidos pelos actantes nas redes sociotécnicas com base em desavenças políticas e comportamentais, de modo a tecer a rede de afetos que motiva esses tensionamentos.

Ao seguir os rastros de páginas e coletivos hospedados no Facebook, Instagram e Youtube como Mundo Metal, Opressores do Rock, Roqueiros e Headbangers de direita, Headbangers do Brasil – Que odeiam o Socialismo e Pinochet Zuero, entre outras, observamos a existência de uma blogosfera *headbanger* de extrema direita que se articula nas redes e promove ataques a vozes dissonantes a partir de editoriais e memes baseados em *shit posting*. Atuando como “bibocas digitais” (Arantes et al., 2021), esses coletivos se retroalimentam e reproduzem “slogans textuais e visuais rápidos e diretos, com apelo

autoritário e revanchista, pirateando o imaginário de games e filmes blockbusters” (Arantes et al., 2021, p.94) que reafirmam valores conservadores e interditam o debate político em nome da harmonia entre seus membros.

Ainda de acordo com a nossa hipótese, este modo de atuação baseia-se em quatro argumentos principais: a) Artistas não devem manifestar opiniões políticas, no máximo tangenciar o assunto em letras de músicas. Segundo esse argumento, divergências políticas provocam desunião na cena, e por essa razão devem ser evitadas; b) O rock e o heavy metal, ao longo da história, trataram de temas chocantes, escatológicos e violentos, portanto, seu público deve ser intransigente na defesa da liberdade de expressão, ainda que isso signifique endossar discursos de ódio, racismo e homofobia ou encará-los como parte da sua iconoclastia; c) Criados e difundidos a partir dos grandes centros capitalistas, o rock e o heavy metal estariam intrinsecamente relacionados a esse sistema econômico; d) Diante de um status quo progressista, o conservadorismo emerge como uma nova faceta da contracultura, e, nesse sentido, apresenta-se como o campo ideológico mais alinhado à ideia de um *ethos* roqueiro na contemporaneidade.

Referências

ARANTES, Pedro Fiori *et al.* Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonaristas. *Revista ECO-Pós*. Rio de Janeiro: PPGCOM da UFRJ, v. 24, n. 2, p. 90-123, 2021.

DE MELO, Cristina Teixeira V.; VAZ, Paulo. Guerras Culturais: conceito e trajetória. *Revista ECO-Pós*. Rio de Janeiro: PPGCOM da UFRJ, v. 24, n. 2, p. 6-40, 2021.

DO NASCIMENTO GONÇALVES, Fernando. Arte, ativismo e usos das tecnologias de comunicação nas práticas políticas contemporâneas. *Contemporânea (Título não-corrente)*, v. 10, n. 2, 2012.

EVANGELISTA, Simone; SÁ, Simone Pereira de. **Gêneros musicais, conservadorismo e nacionalismo.** *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: INTERCOM, v. 44, p. 175-188, 2021.

FRITH, Simon. *Performing rites*. Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

GROSSBERG, Lawrence. *Dancing in spite of myself*. North Carolina: Duke University Press, 1997.

HOBBSAWM, Eric. e Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. RJ: Paz e Terra, 1990.

HUNTER, James. *Culture Wars*. Nova York: Basic Books, 1991.

JANOTTI JR., Jeder; PILZ, Jonas; ALBERTO, Thiago. “F**K YOU ROGER, PLAY THE SONGS”: rock, política e rasuras na turnê de Roger Waters no Brasil em 2018. *Anais XXVIII Compós*, Porto Alegre, junho de 2019.

LAGE, L. R.; SARAIVA, L. S. Ressentimento e guerra cultural no populismo de extrema direita:: tensões morais e fronteiras de antagonismo. *Revista Eco-Pós*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 124–150, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27704. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27704.

LATOUR, Bruno.; **Reagregando o Social**. Salvador: EDUFBA, 2012.

NAGLE, Angela. (2017). Kill all normies. Online culture wars from 4chan and tumblr to Trump and the alt-right Winchester: Zero Books.

ORTELLADO, Pablo; SILVA, Diogo de Moraes. Apresentação do Dossiê-Guerras Culturais. *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, 2022.

PILZ, Jonas; ALBERTO, Thiago Pereira. **Facada Fest e um ethos impresso do rock: ressonâncias da transgressão e da resistência do gênero musical através do pôster do festival**. *Anais da MusiMid*. São Paulo: UNIP, n. 1, 2021

STEFANONI, Pablo. O que querem os libertários e por que deram um giro à extrema-direita? *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, 2022.

URBINA BLANCO, Samuel Alejandro. Shitposting and Memeculture: An Aesthetic Politics of Techno-Coloniality?. Available at SSRN 3839267, 2021.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.